

<http://dx.doi.org/10.21707/gaia.v10.n04a47>

## A PLANIFICAÇÃO DO MUNDO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

EDUARDO UCHÔA GUERRA BARBOSA<sup>1</sup> & HÉLDER FORMIGA FERNANDES<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Advogado, Mestre em Direito e Desenvolvimento de Mercado Sustentável no Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), João Pessoa/PB. E-mail: [eduardouchoa@hotmail.com](mailto:eduardouchoa@hotmail.com).

<sup>2</sup> Advogado, Mestrando em Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal da Paraíba. Campus I. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: [onorte20@uol.com.br](mailto:onorte20@uol.com.br)

Recebido em 10 de agosto de 2016. Aceito em 18 de novembro de 2016. Publicado em 19 de dezembro de 2016.

**RESUMO**— O mundo, desde o começo do século XXI, se expandiu de forma rápida tanto no sentido econômico quanto tecnológico graças à globalização. Essa globalização, devido ao somatório de dez forças, resultou em um mundo planejado regulado por sete regras. Contudo, esse achatamento do mundo, apesar de trazer benefícios, estimulou, indiretamente, a prática de atividades danosas ao mercado e ao desenvolvimento sustentável, levantando o questionamento se o mundo é verdadeiramente plano ou não. O presente artigo busca avaliar no contexto geral as consequências da globalização e planificação do mundo, sem contudo pretender chegar a uma conclusão a respeito desse assunto, mas buscando abrir os horizontes para o aprofundamento dos diálogos envolvidos nessa temática.

**PLAVRAS CHAVE:** MUNDO PLANO; GLOBALIZAÇÃO; DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL.

### THE FLATTENING OF THE WORLD AND ITS CONSEQUENCES

**ABSTRACT** – Since the beginning of the XXI century, the world has expanded quickly in both economic and technological terms due to the globalization. The globalization, because of the sum of ten forces, resulted in a flat world, regulated by seven rules. However, the flattening of the world, despite bringing benefits, it indirectly stimulated the practice of damaging activities to the market and sustainable development, raising the question if the world is really flat. This study aimed to evaluate, in a general context, the consequences of the globalization and flattening of the world, without intending to come to a conclusion on this subject but seeking to broaden the horizons for further discussions on this issue.

**KEY WORDS:** FLAT WORLD; GLOBALIZATION; SUSTAINABLE DEVELOPMENT.

### LA PLANIFICACIÓN DEL MUNDO Y SUS CONSECUENCIAS

**RESUMEN** – Desde el comienzo del siglo XXI, el mundo se ha expandido, económica y tecnológicamente, de forma rápida a causa de la globalización. La globalización, debido a la suma de diez fuerzas, resultó en un mundo planificado, regulado por siete reglas. Sin embargo, esta planificación, a pesar de generar beneficios, indirectamente estimuló la práctica de actividades dañinas al mercado y al desarrollo sostenible, inquiriendo si el mundo es verdaderamente plano. Este estudio tuvo como objetivo evaluar, en un contexto general, las consecuencias de la globalización y de la planificación del mundo, pero no se pretendió llegar a una conclusión sobre el problema, sino ampliar los horizontes para profundizar los diálogos acerca de este tema.

**PALABRAS CLAVE:** MUNDO PLANO; GLOBALIZACIÓN; DESARROLLO SOSTENIBLE.

## INTRODUÇÃO

A globalização permite que o mundo seja conectado pelos mais diversos meios, dentre eles podemos citar a internet como um dos mais importantes. Isso ocorre devido à facilidade de comunicação e transporte entre pessoas, produtos e serviços que aumentou junto ao rápido avanço da tecnologia.

Essas inovações deram início a um debate sobre a planificação do mundo e suas consequências tanto no ambiente econômico quanto no social. Tal aplainamento não diz respeito ao aspecto físico do mundo, mas, sim, com a globalização que, segundo Al-Rodhan e Stoudmann (2006), é uma

forma de integração internacional de aspectos culturais, sociais, políticos e econômicos durante o século XX e início do século XXI.

Friedman (2005, págs. 19 e 20) defende a planificação do mundo, porque, a partir do ano 2000, houve o surgimento da chamada globalização 3.0, revelando que os indivíduos são capazes de concorrer no plano mundial. Antes, a Globalização 1.0 tinha como enfoque a concorrência entre os países e, posteriormente, a Globalização 2.0, teve como objetivo a entre as empresas. A Globalização 3.0 difere das outras, principalmente, porque ela permite que indivíduos de qualquer país possam se conectar e concorrer contra pequenas, médias ou até grandes empresas em qualquer parte do mundo. O poder econômico não se concentra mais em apenas um único país.

Dessa forma, não há mais necessidade das pessoas estarem presentes fisicamente para realizar certos serviços, podendo ser realizados do conforto de sua própria casa, ou até mesmo, ser capaz de terceirizar parte de suas atividades para outros países (FRIEDMAN, 2005, págs. 21 a 24).

Em contrapartida, Chade (2009, págs. 12 a 16) se contrapõe a ideia de mundo plano, pois, segundo ele, a globalização, apesar de trazer diversos benefícios, também trouxe diversos males. Dentre eles, podemos citar os subsídios que países europeus fornecem a sua agricultura, o que resulta em um dumping descarado.

Dumping, segundo o art. 2º, do *General Agreement on Tariffs and Trade* (GATT) de 1994, é quando um produto é exportado para outra nação com o preço inferior ao vendido dentro da nação exportadora de forma habitual.

A China é um país que realiza práticas de dumping de forma quase que aberta para ganhar cada vez mais espaço no mercado. Em 2013, A União Europeia pôs em prática medidas antidumping contra painéis solares chineses que estavam colocando em risco o mercado europeu (TRAYNOR; RANKIN, 2013).

Entre 2001 e 2009, de acordo com o Banco de Dados Antidumping Global (*Global Antidumping Database*), os Estados Unidos iniciou 76 processos antidumping contra a China devido aos danos causados a economia americana (SHEN; FU, 2014).

Chade (2009, págs. 12 a 16) continua ao afirmar que práticas abusivas no mercado contribuem para fomentar a pobreza, pois, por exemplo, países africanos que dependem de sua agricultura para sobreviver sofrem com o mercado globalizado, pois os produtos exportados são mais baratos e até de melhor qualidade que os africanos. E ao destruir a economia local, milhões de pessoas terminam sem poder comprar alimentos e passam fome.

No ano de 2008 a fome chegou a matar mais pessoas do que todas as guerras que ocorreram nesse mesmo período. Para piorar a situação, estima-se que 1 bilhão de pessoas sejam mal nutridas, o que é inadmissível, pois o mundo tem capacidade para alimentar cerca de 12 bilhões de pessoas (CHADE, 2009, págs. 11 e 12).

A má distribuição de recursos, as práticas abusivas, a apatia dos órgãos fiscalizadores, como a Organização Mundial do Comércio (OMC) e a Organização das Nações Unidas (ONU), agravam ainda mais a situação e prejudicam o desenvolvimento sustentável de países, que é, segundo a *World Wide Fund for Nature* (WWF), desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que pode atender às necessidades da geração atual sem prejudicar o bem-estar das gerações futuras

A WWF também instrui que, para se conseguir chegar ao desenvolvimento sustentável,

é preciso que as pessoas estejam cientes de que os recursos são finitos. Desse ponto, é preciso denotar que desenvolvimento difere de crescimento, porque aquele, além de possuir o crescimento econômico, também incentiva o aspecto social.

Dessa maneira, o objetivo deste artigo é abordar se o mundo é ou não planejado e o seu impacto no desenvolvimento sustentável.

## PORQUE O MUNDO É PLANIFICADO

Friedman (2005, págs. 61 a 200) defende que o mundo é plano devido a dez forças que “achataram o mundo”. Essas forças lidam com diversos marcos e invenções que além de destruir barreiras, também incentivam a união de países e indivíduos por meio de novas tecnologias que favorecem a rápida comunicação e maior acesso à informação.

A primeira força a ser mencionada é a queda do Muro de Berlin, na Alemanha, em 9 de novembro 1989. O fim desse Muro simbolizou o fim do domínio soviético na Alemanha Oriental, o que também se tornou o marco do fim da Guerra Fria, demonstrando que o Capitalismo e o regime de livre mercado venceu o comunismo, apoiado por sua economia planejada. Com a queda do Muro, no início houve certa incerteza, pois, apesar do comunismo ser um sistema que torna as pessoas igualmente pobres, ao menos garantia empregos para todos, embora pouco remunerados. Contudo, após três anos da queda do Muro, houve diversas melhorias na Alemanha graças ao capitalismo, como, por exemplo, o aumento do crescimento alemão de 3% ao ano para 7% (FRIEDMAN, 2005, págs. 61 a 69).

A segunda força, segundo Friedman (2005, págs. 70 a 87), diz respeito ao momento que o Netscape foi para a bolsa de valores para atrair investimentos. Essa manobra foi capaz de fomentar o crescimento da *World Wide Web*, sendo o primeiro navegador (ou *browser*) o Netscape – em 9 de agosto de 1995 - foi introduzindo jovens e adultos à internet. A rapidez de comunicação via *e-mail* ou programas de bate-papo em tempo real, como o MSN, a capacidade de se enviar e criar documentos e pastas, dentre outros, resultaram na maior aproximação entre as pessoas pelo mundo.

No que tange a terceira força, houve a criação de *softwares* de fluxo de trabalho. Esses *softwares* se utilizaram das duas primeiras forças para expandir os usos dos computadores e da internet. As pessoas se tornaram capazes de criar, desenhar, vender, projetar e comprar coisas com rapidez e eficiência. Foi a partir dessas três primeiras forças que se pode falar da gênese do achatamento do mundo. As próximas seis forças representam modalidades que se usam da planificação do mundo para desenvolver novas tecnologias (FRIEDMAN, 2005, págs. 87 a 98).

Friedman (2005, págs. 99 a 122) traz o código aberto como a quarta força. O autor explica que código aberto é quando grupos específicos ou empresas disponibilizam um código-fonte, que são um conjunto de comandos e instruções para alterar um programa, para *download* gratuito e se alguém puder realizar melhorias (*patches*) nesse código-fonte – que são como *band-aids* - também deve disponibilizar gratuitamente para outros usuários. Esse movimento de *softwares* livres incorporado aos códigos-fonte serve como força de achatamento do mundo porque ele instiga a cooperação entre pessoas ao redor do mundo com a finalidade de melhorar o *software*, o que acaba beneficiando diversas pessoas e empresas ao redor do mundo. Contudo, há uma controvérsia nesta força, porque, já que no caso de softwares gratuitos, não há uma recompensa para aqueles que

trabalharam no código-fonte. No capitalismo, a presença de recompensas remuneratórias pelo esforço é o que instiga as inovações e, por isso, não se sabe até quando esse movimento de *softwares* livres irá durar, por essa razão, há também a criação de *softwares* pagos.

A quinta força de achatamento do mundo é a terceirização, que trata de empresas que resolvem realizar contratos com outras tendo por finalidade melhorar a linha de produção. Isso ocorre porque, uma empresa eficiente deve apenas terceirizar sua atividade-meio para outras que realizam o mesmo serviço de forma mais eficiente e barata, o que aumenta a eficiência da empresa que terceiriza (FRIEDMAN, 2005, págs. 123 a 134).

Friedman (2005, págs. 135 a 150) também traz, como sexta força, o *offshoring*, que difere da terceirização, que apenas transfere parte da atividade para outro local. O *offshoring* trata de quando uma empresa fecha suas portas em um país para levar a empresa como um todo para outro país, onde realizará as mesmas atividades com a mesma eficiência, porém de forma mais barata, e poderá receber subsídios. O autor traz como exemplo a China, que possui uma massa de mão de obra enorme e com pouquíssimos direitos trabalhistas. O *offshoring*, por essa razão, realiza um achatamento competitivo, pois diversos países irão querer trazer as empresas para si. Contudo, apesar disso ser benéfico aos consumidores, que terão produtos e serviços mais baratos, é extremamente prejudicial do ponto de vista dos direitos trabalhistas e humanos.

O referido autor (2005, págs. 150 a 165) revela que a sétima força trata da cadeia de fornecimento, que é, basicamente, um sistema logístico - que integra organizações, pessoas, recursos e atividades - relacionado com o transporte da mercadoria do fornecedor para seu cliente, de forma que se parece com um rio e seus afluentes. Isso é benéfico para os consumidores porque diminui o preço dos produtos, além de fornecer um grande rol de diversas mercadorias. Contudo, novamente, do ponto de vista do trabalhador, as cadeias de fornecimento exercem uma grande pressão devido a competição entre empresas, além do corte de gastos, salários e benefícios.

Com relação à oitava força de planificação do mundo, que é a internalização, aborda o tema de que empregados de uma empresa desempenham atividades, além das entregas, para outras companhias. Esse tipo de força é possível graças ao nivelamento do mundo, mas que, também, contribui ainda mais para o seu achatamento. Essa força é importante porque estimula empresas a pensarem grande e expandirem os seus negócios (FRIEDMAN, 2005, págs. 165 a 176).

A nona força, segundo o citado autor (2005, págs. 176 a 186) é a in-formação. Essa força trata dos mecanismos de busca e acesso à informação, sendo o Google como dos principais contribuidores para esse avanço. O Google é um sítio de internet, organizado por uma empresa do mesmo nome localizada em Mountain View na Califórnia, que permite aos usuários pesquisar sobre os mais diversos temas com uma facilidade e rapidez impressionante. Isso é considerado uma força “achatadora” do mundo porque ela permite que qualquer pessoa, em qualquer país tenha os mesmos direitos de acesso e pesquisa de informações.

Por fim, a décima força que Friedman (2005, págs. 186 a 200) explica o fenômeno dos esteroides, que são os dispositivos móveis de uso pessoal, como celular, computadores, *Personal Digital Assistant* (PDA), dentre outros. Esses produtos permitiram que as pessoas possam se conectar e se comunicar de qualquer local e tempo.

Além disso, essas forças citadas por Friedman (2005, pág. 201 a 231) começaram a se convergir a partir de 2000 de maneira tal que criou um campo novo mais nivelado e global. A primeira convergência fez com que tanto pessoas jurídicas como físicas começaram a adotar

certos novos processos, habilidades e hábitos com a finalidade de explorar o máximo possível as possibilidades novas. Isso porque as máquinas começaram a aplainar o mundo, a exemplo dos computadores que permite diversos tipos de interações ignorando a distância física entre as pessoas. Já a segunda convergência ocorreu quando houve o encontro desse campo novo tendo como objetivo a operação com as formas novas de atuação, em outras palavras, as empresas passaram a agir de forma horizontal (todos são capazes de realizar inovações) e não vertical (sendo esta quando a inovação vem de cima). Esta convergência também trata de forças que estão presentes há muitos anos, porém somente depois do surgimento de pensadores que essas forças dão origem a novas ideias ou usos. E a terceira convergência ocorreu quando a ex-URSS, China, Índia, certas nações do leste europeu, Ásia Central, e América Latina puderam entrar no mercado e fazer concorrência direta com os demais países, pois, devido a queda do muro de Berlin, o regime comunista se mostrou muito frágil e não mais sustentável, além disso esta convergência serviu de prova de que não é preciso sair de sua nação para inovar e aqueles que aprendem mais rapidamente novas técnicas, processos terá vantagem no comércio mundial. Por essas razões, o autor considera que a terceira convergência foi a mais importante para o nivelamento do mundo.

Essa terceira convergência também serviu de incentivo para que o Brasil, a China, a Rússia, a África do Sul e a Índia formassem um grupo político chamado BRICS, que apesar de não ser um bloco econômico propriamente dito, possui a finalidade de transformar seu crescente poder econômico em uma maior força política internacional (HALPIN, 2009).

A presença dessas dez forças e três convergências planificadoras do mundo permitiram que pessoas, empresas e países se aproximassem em um nível extremamente acelerado desde o ano 2000. Agora, a concorrência se expandiu a um nível internacional nunca antes visto, o que trouxe tanto prejuízos como benefícios. A seguir, falaremos das regras que regem o mundo planejado.

### *Regras da planificação*

Friedman (2005, págs. 310 a 336) aborda estratégias utilizadas por empresários para que possam sobreviver em um mercado tão competitivo. Esse assunto possui uma certa resistência porque os empresários anseiam por um bom crescimento econômico sem precisar realizar mudanças, o que é quase impossível.

A primeira estratégia abordada por Friedman (2005, pág. 210) é “Quando o mundo se achata – e você se sente achatado – procure uma pá e cave dentro de si mesmo. Não tente construir muralhas”. Essa regra diz respeito ao crescimento do número de concorrentes. Agora não mais empresas concorrem umas contra as outras, mas também os *freelancers*, que são profissionais autônomos, concorrem contra essas empresas.

O referido autor (2005, págs. 210 e 211) explica que, de acordo com os exemplos práticos que ele escutou durante suas viagens, os avanços tecnológicos fazem com que os clientes exijam maior rapidez, qualidade e personalização nos serviços. Aqueles que não se adequam às mudanças deixam de se tornarem competitivos frente ao mundo e aqueles que não tentam promover algo único que atraia clientes, se torna algo comum como um sorvete de baunilha, o que não serve mais como ganha-pão.

A segunda regra trazida por Friedman (2009, págs. 315 e 316) diz que os pequenos agirão como os grandes. Ou seja, é a capacidade e rapidez em aproveitar todas as novas

colaborações, oportunidades e instrumentos para crescer ainda mais rápido e conseguir um bom lugar no mercado.

Tal regra explica que pequenas empresas podem competir em igualdade ou até mesmo superar as grandes empresas desde que elas possuam certos requisitos como: acesso a novas tecnologias, bons parceiros, operações de apoio bem gerenciadas, uso adequado da internet. Dessa maneira, as pequenas empresas não se tornam “escravas” de modelos “herdados”, podendo se inovar e conseguir boa parte do mercado graças a ação de funcionários competentes (FRIEDMAN, 2005, págs. 318 a 320).

A terceira regra trazida por Friedman (2005, pág. 321) aborda o tema de que as grandes empresas devem se comportar como se pequenas fossem para que assim seus clientes possam agir como grandes.

Através de serviços personalizados, as companhias dão margem para que os consumidores se tornem “autodirigidos”, ou seja, eles podem dizer todas as especificações (como formas, preço, tipo de serviço, etc.) que desejam obter. Os serviços, principalmente os do setor financeiro, tiveram que se alterar para fornecer aos seus consumidores opções para que pudessem utilizar de diversos serviços pela internet. Caso uma empresa se recuse atender as necessidades dos seus clientes, outra fará isso, logo a primeira empresa irá perder seus clientes (FRIEDMAN, 2005, págs. 323 e 324).

A quarta regra diz respeito que as melhores empresas também são as melhores colaboradoras, pois, em um mundo planificado, há cada vez mais negócios realizados entre empresas já que as camadas de criação de valor se tornou tão complexa que nenhuma firma é capaz de dominá-las sozinhas (FRIEDMAN, 2005, pág. 325).

As empresas tiveram que mudar a forma como fabricam seus produtos para poder sobreviver no mundo plano. Essas empresas, agora, não fabricam apenas em seu país de origem, mas também em diversas outras nações que se tornaram conectadas graças a globalização. Dessa maneira, as empresas passaram a terceirizar partes de seus serviços, enquanto mantém para si as atividades mais importantes, que são as que envolvem sua propriedade intelectual. Essas empresas não mais conseguem sobreviver sozinhas, precisando da cooperação mútua para poder atender aos seus clientes (FRIEDMAN, 2005, págs. 325 a 327).

A quinta regra de Friedman (2005, pag. 329) aborda o tema de que “num mundo plano, as melhores empresas se mantêm saudáveis fazendo exames de raios X dos pulmões e em seguida vendendo os resultados aos clientes.”

Por essa razão, as empresas devem sempre fazer uma análise interna para verificar os gastos, quais são os setores mais produtivos e quais setores são passíveis de terceirização para empresas que fazem a mesma atividade de forma mais rápida e barata. Além disso, ao se verificar seu “próprio esqueleto”, as empresas são capazes de vender as informações que adquiriram para outros, desde que o resultado obtido pelos “raios X” seja importante e relevante para outras empresas que possam se beneficiar das informações e, assim, movimentar o mercado, já que há a contratação de profissionais para realizar essa atividade para as empresas (FRIEDMAN, 2005, págs. 330 a 332).

A sexta regra também aborda a temática da terceirização, pois ela é necessária para que as empresas vençam no mercado. A terceirização serve para ajudar as firmas a inovar com menor custo e maior velocidade para aumentar sua presença no mercado, contratar mais funcionários e crescer (FRIEDMAN, 2005, pág. 333).

Há uma diferença entre terceirizar para economizar e terceirizar para ganhar. A primeira meramente corta custos sem se preocupar com a produtividade da atividade fim e reduzir seu papel no mercado, enquanto que a segunda permite a contratação de empresas especializadas que trazem novas tecnologias, permitindo também a empresa que terceiriza focalizar e expandir a sua principal atividade (FRIEDMAN, 2005, págs. 333 a 336).

E, por último, a sétima regra de Friedman (2005, pág. 336) conclui a temática de terceirização ao afirmar que “terceirização não é somente para os Benedict Arnolds. Também serve para os idealistas.”

Benedict Arnold é considerado como um dos maiores traidores da história dos Estados Unidos. Por essa razão, a terceirização não apenas causa problemas sociais ou trabalhistas, mas também pode ter um impacto social positivo. Uma terceirização responsável é capaz de levar educação e desenvolvimento para áreas mais pobres do mundo. Além disso, não há uma relação de dominação entre a empresa contratante a terceirizada, mas, sim, uma colaboração entre elas, o que ajuda a gerar mais oportunidades nos países mais pobres (FRIEDMAN, 2005, págs. 337 a 341).

## A PROBLEMÁTICA DA PLANIFICAÇÃO DO MUNDO

Como dito anteriormente, a planificação do mundo, apesar de inúmeras contribuições para avanços econômicos, sociais e tecnológicos, também causou diversos problemas em certas partes do mundo, causando malefícios como a pobreza e a fome.

Segundo Chade (2009, págs. 20 e 21), “oficialmente, a ‘culpa’ pela volta da fome é a falta de chuvas”. Isso ocorre porque os governos querem um bode expiatório para as dificuldades que assolam a população, pois sendo a chuva a grande vilã, então o governo pode se eximir da culpa de não tomar as devidas providências.

O referido autor (2009, págs. 22 e 23), relembra que o mundo tem plena condição de alimentar a todas as pessoas que vivem nele, sendo um absurdo que pessoas ainda morram de fome. O autor também traz o dado de que se 1% do valor gasto para salvar os bancos da crise de 2008, o número de famintos seria reduzido pela metade, que na data da publicação do livro, o total de famintos era de um bilhão de pessoas.

Um dos motivos que agravou ainda mais a situação, impedindo o progresso do desenvolvimento sustentável, foi os subsídios oferecidos ao etanol. Que além de distorcer o mercado, abaixando demasiadamente os preços, além do direcionamento de terras férteis para a produção de combustível. A *Food and Agriculture Organization* (FAO) trouxe os dados alarmantes de que cerca de 12% da produção mundial de milho seja apenas para o etanol. Já na Europa 60% de todos os cereais (o que equivale a 25% da produção mundial) são destinados ao biodiesel. (CHADE, 2009, págs. 25 e 26).

A Nestlé se pronunciou contra a expansão do etanol, porque ela aumenta os preços de commodities. Isso gera um “efeito dominó”, que forçou a Nestlé a aumentar os preços das suas mercadorias. O etanol traz mais malefícios do que benefícios, pois, por exemplo, para se produzir 1 litro de etanol a base de cana-de-açúcar, é preciso 500 litros de água, enquanto que para produzir 1 litro de etanol a base de milho são necessários 5000 litros de água. É pelo fato de que a água é um recurso tão precioso e escasso que o incentivo a plantações de etanol são prejudiciais ao

desenvolvimento sustentável, já que essa água seria melhor utilizada para plantação de alimento (CHADE, 2009, pág. 27).

Contudo, o Brasil, infelizmente, considerou essas informações como prejudiciais e tentou lutar contra os ataques ao etanol, afirmando que a cana-de-açúcar gera menos efeitos danosos que o etanol feito à base de milho. A razão dessa atitude é porque o Brasil desejava usar o etanol como substituto do petróleo, e, assim, tornar-se um tipo de “Arábia Saudita do etanol” (CHADE, 2009, págs. 27 e 28).

Chade (2009, pág. 29) trouxe o dado de que o Fundo Monetário Internacional (FMI), após uma pesquisa, chegou à conclusão de que o etanol brasileiro não era o culpado pela crise de alimentos, mas sim o etanol europeu e americano que causaram inflação do setor alimentício. O etanol foi um dos fatores que aumentou em 2/3 o valor do milho, o da soja em 50% e do trigo em 1/3. Além desta causa, também houve a maior demanda por esses produtos por parte da China e da Índia.

Segundo o Banco Central, houve um aumento de preço, no período de 2003 a 2012, do milho de 168,39%, da soja no valor de 90,49% e do trigo no valor de 71,82% (ASSAF, 2012). Já entre os anos de 2012 e 2013, houve um aumento do valor do milho em 9,0%, o da soja subiu em 8,2% e o do trigo em 11,3% (BOZZA, 2013)

Vale salientar que sete países (Índia, China, Congo, Bangladesh, Indonésia, Paquistão e Etiópia) são responsáveis por 65% do total de famintos no mundo. Na África, de forma geral, há um total de 236 milhões de pessoas subnutridas. Há países que tem uma média de consumo de quilocalorias maior que o recomendado pela ONU, enquanto há países que consomem menos (CHADE, 2009, págs. 27 28).

Chade (2009, págs. 34 e 35) afirma que os subsídios causam um desequilíbrio no comércio internacional, pois enquanto que os grandes produtores conseguem suportar por um bom tempo o valor baixo dos produtos, os pequenos não conseguem, causando, além de problema da fome, desemprego, pois se os pequenos produtores não conseguem sobreviver no mercado, eles entrarão em falência. Isso diminui a concorrência internacional e permite os mais ricos aumentar abusivamente os preços posteriormente.

Felizmente, houve uma recente diminuição do número de famintos do mundo, segundo a FAO, no período de 2011 a 2013 para 842 milhões de pessoas. Porém numero este ainda inaceitavelmente alto (CHADE, 2013).

Para tentar reduzir os impactos de produto extremamente baratos, alguns países se utilizam de barreiras comerciais para proteger seu produto nacional. O exemplo clássico citado pelo referido autor, é o da China que, como já explicado, é capaz de produzir produtos de boa qualidade e muito baratos. Isso resultou também em quedas nas importações de países, como os Estados Unidos, e, em um estudo feito pela OINU, 240 empresas multinacionais aderiram a essa política. Porém isto não se trata de uma “desglobalização”, mas que o processo de internacionalização será retomado de forma lenta (CHADE, 2009, pág. 48).

Logo, é por essa razão, que Chade (2009) defende que o mundo não é plano. Pois, ainda há diversas barreiras entre o comércio entre países, além de que ainda há uma profunda desigualdade entre eles. A pobreza gerada em alguns países por causa das práticas abusivas impede que certos países pobres possam ser considerados “no mesmo nível” que os mais desenvolvidos. Assim, enquanto houver abusos no mercado, como o dumping, e exploração de mão-de-obra



extremamente barata, ferindo até mesmo direitos humanos fundamentais, não se pode falar em achatamento do mundo, pois ainda não chegamos a esse patamar.

### *A proteção ao meio ambiente*

É mister que todos os países atuem de forma conjunta para proteger o meio ambiente. Isso porque com um ambiente ecologicamente equilibrado, não apenas haverá a preservação de milhões de diversas espécies de seres vivos, serão evitados diversos problemas ambientais que prejudiquem os ecossistemas, assim como também preservará o bem-estar humano por meio do desenvolvimento sustentável.

Friedman (2008, págs. 315 e 316) traz diversas obras realizadas por inúmeros autores acerca de formas de salvar o mundo de formas relativamente “fáceis”. Essa tendência se mostrou positiva porque isso aumenta a conscientização das pessoas e nações de forma geral acerca dos problemas e limites do meio ambiente, instigando novas maneiras do uso racional dos recursos naturais e seus limites. Pode-se dizer até que verde se tornou a cor da moda

O resultado desse movimento inspirado no ambientalismo, fez com que universidades ensinassem aos alunos a importância no meio ambiente, candidatos políticos agora defendem o uso de fontes renováveis de energia, dentre outros que aderiram a essa onda. Infelizmente, muitas vezes, esse discurso é, na verdade vazio. Há grupos a exemplo de um grupo islâmico de um país dominado pela sharia na Indonésia, e países, como os Estados Unidos, que pretendem usar o ativismo social como disfarce para suas próprias ideologias (FRIEDMAN, 2008, pág. 317).

O que torna esse discurso fraco é que toda revolução há consequências, porém o discurso pró-meio ambiente é rico com a falácia de “Nesta revolução todo mundo é vencedor, ninguém tem que abrir mão de nada” (FRIEDMAN, 2008, pág. 318). Os Estados Unidos da América (EUA), por exemplo, adotam a manobra de apenas parecer ambientalista, um exemplo da falta de cuidado ambiental é a questão etanol do milho, como antes explicado.

Os Estados Unidos também evitam assinar acordos que beneficiem o meio ambiente, como o Protocolo de Kyoto, em 2001, que foi um tratado que teve a adesão de 178 países para reduzir as emissões de gás carbônico em 5,2% até 2012, sob a desculpa de que isso prejudicaria o crescimento econômico do país (SANTOS, 2004).

Isso porque a Política externa dos Estados Unidos tende a colocar entraves ao desenvolvimento internacional, não se limitando a apenas tratados ambientais. Os EUA também não assinaram tratados de natureza militar, como o Tratado de Banimento de Minas de 1997, não aceitaram a criação da Corte Internacional de Justiça, em 1998, e chegaram a se retirar da Conferência Internacional sobre o Racismo, em 2002 (GOYOS JR., 2003).

Empresas, como a General Motors (GM), passaram a investir em carros *flex* e anunciá-los como mais ecológicos, mas sem parar de fabricar carros que consomem muita gasolina. Mineradoras de carvão passaram a intitular-se como “companhias de energia” dando enfoque manobras como o sequestro de CO<sub>2</sub> para preservar o ambiente, coisa que jamais fizeram. Segundo Friedman (2008, pág. 318) é muito fácil clamar ser ambientalista do conforto de sua casa.

O autor mencionado (2008, págs.319 e 320) também revela que as pessoas gastam muito esforço apenas em falar, conscientizar, mas pouquíssimo esforço é gasto em efetivamente

fazer passar leis nos Congressos que efetivamente protejam o meio ambiente. Houve apenas determinação dos fins (proteger o meio ambiente), mas não os meios (como fazê-lo).

Friedman (2008, págs.323) diz que não existe tal coisa como “205 métodos fáceis para realmente esverdear”. Conseguir esverdear áreas devastadas é um dos maiores desafios que líderes políticos enfrentam, além disso, são poucos que estão dispostos a tratar com franqueza a respeito desse desafio.

Por isso, muitas vezes, a dura realidade é apenas revelada por empresas de carvão, petróleo e gás, pois usam isso como discurso para promover que uma verdadeira revolução verde é impossível, logo nós devemos continuar usando esses produtos que degradam o meio ambiente e promovem a inflação de preços de forma geral. Por isso, é preciso haver uma verdadeira cultura energética para que se possa buscar uma solução para os problemas da quantidade disponível, investimentos, demanda e qualidade da energia (FRIEDMAN, 2008, págs. 323 e 324).

Friedman (2008, págs. 327 e 328) sugere escolher oito dentre quinze atividades que podem reduzir a emissão de CO<sub>2</sub> pela metade até meados deste século, enquanto se mantém o crescimento, como por exemplo, aumentar em 40 vezes a produção eólica de energia, aumentar de 40 a 60% a eficiência energética das usinas elétricas a carvão e sobrar a quilometragem por litro dos automóveis para que possam percorrer 26 quilômetros por litro de gasolina.

Atingir pelo menos um desses passos será uma tarefa árdua. Isso porque, em 2050, há uma estimativa de que o mundo consumirá 26 terawatts, o dobro do consumido no ano de 2000. Por essa razão, se quisermos manter o crescimento de forma sustentável, terão que ser reduzidas em 80% as emissões de carbono até lá. (FRIEDMAN, 2008, págs. 328 e 329).

## CONCLUSÃO

Como exposto, o mundo se tornou plano. Os avanços da tecnologia junto com a globalização permitiram que o mundo inteiro fosse conectado, além disso, permitiu o amplo acesso a informação e a tecnologia e o comércio entre pessoas e empresas em quaisquer países. As forças e as regras que deram origem e que coordenam a planificação contribuíram imensamente para a situação atual. Contudo, vale lembrar que as barreiras criadas pelos países para se protegerem não são capazes de anular o achatamento, pois apenas reduzem o impacto de algumas forças, mas não de todas.

Esse tipo de concorrência trouxe diversas coisas boas: forçou empresas que estavam acomodadas a reinventar-se; aumentou a concorrência, o que reduz os preços e aumenta a qualidade dos produtos; aumentou o acesso à tecnologia e o acesso à informação, dentre outros.

Contudo, a planificação do mundo também trouxe consequências negativas, como: falência de empresas tanto devido ao comércio desleal como aquelas que não se adaptaram ao novo mercado; desemprego devido ao fechamento destas empresas; fome; dentre outras.

A planificação do mundo é também necessária para o desenvolvimento sustentável. Já que tudo se tornou mais próximo, ficou mais fácil de perceber que os problemas de uma nação afetam outras. Consequentemente, deve haver maior fiscalização internacional de terras destinadas a plantação de milho para etanol - o que consome muita água, causa inflação e reduz o número de terras voltadas para o plantio de alimentos – e reduzir as emissões de gás carbônico, pois ele causa desequilíbrios ecológicos.

Novas fontes de energia mais limpas podem ser pesquisadas e as que já existem podem ter sua capacidade energética aumentada. Para isso, é preciso investimentos e esforços concretos para que se possa substituir o petróleo e o carvão, por exemplo, já que são bastante poluentes. É preciso buscar essas soluções de forma eficaz, pois, caso contrário, não será possível manter um desenvolvimento sustentável e o crescimento apenas duraria por apenas mais alguns anos.

Portanto, o avanço tecnológico rápido que ganhamos desde o início do séc. XXI serviu para dar mais poder ao indivíduo que agora tem condições de concorrer contra empresas em certas áreas. Além disso, há o constante incentivo para inovar e melhorar sua participação de mercado, o que indiretamente força os concorrentes também a se atualizarem. Em condições ideais, os grandes vencedores da planificação do mundo são os consumidores.

## REFERÊNCIAS

AL-RODHAN, Nayef; STOUDEMANN, Gérard. **Definitions of Globalization: A Comprehensive Overview and a Proposed Definition**, 2006.

BOZZA, Gilda M. **Análise do desempenho dos preços da soja, milho e trigo no 1º semestre**. 2013. Disponível em: <[http://www.agrolink.com.br/noticias/analise-do-desempenho-dos-precos-da-soja--milho-e-trigo-no-1--semestre\\_178495.html](http://www.agrolink.com.br/noticias/analise-do-desempenho-dos-precos-da-soja--milho-e-trigo-no-1--semestre_178495.html)> Acesso em: 10 de jun de 2014.

CHADE, Jamil. **FAO diz que o Brasil já atingiu as Metas do Milênio em termos de combate à fome**. 2013. Disponível em: <<http://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,-fao-diz-que-brasil-ja-atingiu-as-metas-do-milenio-em-termos-de-combate-a-fome,1080736>> Acesso em: 19 de jun de 2014.

CHADE, Jamil. **O mundo não é plano: A tragédia silenciosa de 1 bilhão de famintos**. Editora Saraiva, São Paulo, 2009.

FRIEDMAN, Thomas L. **O Mundo é Plano: uma breve história do século XXI**. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2005.

FRIEDMAN, Thomas L. **Quente, plano e lotado: os desafios e oportunidades de um novo mundo**. Editora Objetiva, Rio de Janeiro, 2008

General Agreement on Tariffs and Trade (GATT). 1994.

GOYOS JR., Durval de Noronha. **A política externa dos EUA como obstáculo ao desenvolvimento do direito internacional**. 2003. Disponível em: <<http://www.professor-noronha.adv.br/por/art91dtp.htm>> Acesso em: 21 de jun de 2014.

HALPIN, Tony. **Brazil, Russia, India and China form bloc to challenge US dominance**. 2009. Disponível em: <[http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/us\\_and\\_americas/article6514737.ece](http://www.timesonline.co.uk/tol/news/world/us_and_americas/article6514737.ece)> Acesso em: 15 de jun de 2014.

INSTITUTO ASSAF. **INFLAÇÃO DAS COMMODITIES NO BRASIL E NO EXTERIOR**. 2012. Disponível em: <[http://www.institutoassaf.com.br/downloads/analise\\_59\\_maiov2\\_2012.pdf](http://www.institutoassaf.com.br/downloads/analise_59_maiov2_2012.pdf)> Acesso em: 10 de jun de 2014.

SANTOS, Fabiano Pereira dos. **Meio ambiente e poluição**. 2004. Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/4753/meio-ambiente-e-poluicao>> Acesso em: 12 de jun de 2014

SHEN, Guobing; FU, Xiaolan. **The Trade effects of US Anti-dumping Actions against China Post WTO Entry**. 2014 Disponível em : <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/twec.12125/full> > Acesso em: 20 de jun de 2014.

TRAYNOR, Ian; RANKIN, Jennifer. EU to impose anti-dumping tariffs on Chinese solar panels. 2014 Disponível em: <<http://www.theguardian.com/business/2013/jun/04/eu-tariffs-dumping-china-solar-panels>> Acesso em: 20 de jun de 2014.

WWF Brasil. **O que é desenvolvimento sustentável? Disponível em:** <[www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/questoes\\_ambientais/desenvolvimento\\_sustentavel](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/desenvolvimento_sustentavel)>. Acesso em: 20 de maio de 2014.